



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS Ano XIV — N.º 351 — Preço 1\$00
Redacção e Administração; Comp. e Imp.: Casa do Gaiato - Paço de Sousa 24 DE AGOSTO DE 1957

AQUI, LISBOA!

A lei do menor esforço é universal. Impende sobre todos. Só um acto de vontade muito enérgico lhe põe resistência eficaz.

Por isso, não admira que o garoto da rua, cursando o melhor local de deformação da vontade, prefira a pedincha à vida honesta de trabalho; e que adultos arrastados pela mesma inércia, sigam idênticas pisadas. Não nos espanta que se passe fome para evitar canseiras e patrões; e que se viva com gosto na barraca por não exigir demasiado asseio sem a lida antecedente que o o proporcione.

Igualmente conhecemos quem permaneça voluntariamente inválido para mais facilmente conder o público, e em melhor situação explorar transeuntes.

Porém, no caso de invalidez ou sinistro a lei pode pesar ao invés sobre quem tem responsabilidades sociais e a elas se furta. Criar instituições passivamente assistenciais é mais simples do que pôr em funcionamento estabelecimentos de reabilitação.

Se é necessária coacção para com a preguiça da invalidez voluntária ou comodista, utilíssima seria a campanha de reeducação física, mental e social do desválido. Útil para este e para a sociedade. O panorama é desolador. Pelas feiras e romarias, por ruas e becos, pelas cidades e vilas, cegos e coxos, tortos e carcomidos, doentes verdadeiros e falsos estendem a mão a lamuriar. E, em contra-partida, reformados que labutam pela segunda vez, auferindo compensação da primeira, a tirar lugar; são e escorregados, perdendo energias proveitosas, a desempenhar munus mais adequados para desválidos ou mutilados.

Sob o ponto de vista humano a reabilitação com a consequente orientação profissional, reeducação técnica e serviço de colocação é obra sumamente digna e precisa. Países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América assim entendem este problema e o organizam.

Nos hospitais curava-se clinicamente o doente. Nada mais. No período da cura aquele permanecia inactivo e triste prevenido a inutilidade e desdita do resto da vida. Se acrescia ser mendigo, o doente pesava duplamente à sociedade como tropeço e como encargo. Seria possível reabilitar este decaído e prepará-lo para a vida corrente e normal?

A afirmativa surgiu audazmente e com obrigatoriedade de

execução na Inglaterra. O trabalho, que aqui se realiza, é profícuo e eficiente. Após o tempo hospitalar de recuperação física, vem a tentativa de adaptar as faculdades que permaneceram à profissão anterior. Elevado o número dos que vingam. Os restantes iniciam o período de orientação profissional e aquisição de técnica respectiva. Em tempo algum os mutilados são votados ao abandono. Arribando consoante as possibilidades de cada qual todos têm garantias de colocação. As empresas por cada vinte ou trinta assalariados são obrigadas a admitir um diminuído reabilitado. Na Dinamarca a reeducação é tão perfeita que em muitos mestres são preferidos os reabilitados por serem mais estáveis e leais.

A reabilitação em causa é, pois, um bem em todo o sentido. Humanamente até de grande alcance económico e social. Para cristãos responsáveis é um dever. Ora, andamos muito longe deste clima. Julgamos tudo fei-

to, quando arrumamos o próximo na cama do hospital ou asilo e, por não ambicionarmos mais, por não tentarmos para outros a situação que disfrutamos, desdizemos indirectamente o princípio cristão da igualdade fraterna, que ordena querermos para os outros o mesmo que para nós.

Os pioneiros da reabilitação não andam norteados por razões mais fortes do que os cristãos. O sentido da dignidade alheia é mais alto para nós. Mas, no entanto, a custo se esboça um lento movimento de descruzarmos os braços entorpecidos.

Honra seja feita à Ordem hospitaleira de S. João de Deus. Estivemos uma vez em Montemor-o-Novo e pasmámos diante dos milagres do esforço humano em prol do semelhante. Quantos daqueles não estariam condenados ao leito se não fossem conduzidos até aquelas paragens; e, quantos o estão por falta de postos onde abraçar!

Padre Baptista

Património dos Pobres

Já um dia ouvi dizer a uma pessoa de responsabilidade, e ainda em vida de Pai Américo, que a campanha a favor das Casas para Pobres estava a afrouxar e tendia a morrer. Seria assim, se a obra fosse meramente humana. Mas como a obra, embora iniciada e orientada pelos homens, não é humana por assentar na Caridade e a Caridade se identifica com o próprio Deus, esta obra, longe de afrouxar e morrer, tem tomado incremento, estendeu raízes e hoje os seus ramos abrigam já Portugal inteiro. Só os homens sem fé ou de fé hesitante podem duvidar das obras que assentam em Deus.

Hoje, todos os que conhecem o Património dos Pobres e que têm ainda um pouco de fogo do Espírito Santo dentro da alma, se deixam enamorar. A obra é nacional e está no peito de todo o bom Português que se orgulha de dizer que ama a Pátria, porque se preocupa com os problemas da própria Pátria.

Eis a voz dum médico na última reunião do seu curso em Coimbra:

«Quando há cerca de quinze dias recebi o convite para assistir a mais esta reunião, convite que li e reli, recebi também mais

um número dum jornal que há muito assino e que costumo ler de fio a pavio. Esse jornal é «O Gaiato», do saudoso Padre Américo.

Após a sua leitura, veio à minha mente uma ideia. E se eu na próxima reunião do meu curso apelasse para o coração magnânimo dos meus discípulos no sentido de se fazer uma quete entre todos e cujo produto revertesse a favor da ajuda da construção duma casa do Património dos Pobres, nesta linda Coimbra tão cheia de encantos e belezas mas onde muitos irmãos nossos, desprotegidos da sorte, morrem lentamente em tugúrios imundos onde não entra o sol nem o ar? Assim, seria mais bela a nossa reunião.

No meio da nossa alegria não esqueceríamos os desprotegidos da sorte e dalgum modo contribuiríamos para ajudar a arrancar desses antros infectos mais uma família condenada a perecer.

A ideia criou tal vulto em mim, que não pude resistir à tentação de a lançar.

Bem acolhida? Mal acolhida? O vosso coração o dirá.

Uma certeza podereis ter. Se

Visado pela
Comissão de Censura

UMA DATA

4 de Agosto deste ano da Graça.

Em redor do Altar da Sé Episcopal do Porto, toda a população do nosso Lar nesta cidade e quantos puderam ir de Paço de Sousa, se dispuseram para assistir, a maioria pela vez primeira, a uma ordenação sacerdotal. Ia nascer padre um «padre da rua».

No fim do Pontifical de ordenação, o Senhor Bispo toma a palavra e dirige-se a todos, mórmente àqueles que acabavam de ser ordenados: «O Povo é de quem o ama e de quem mostra que o ama». «A Igreja é o Organismo vivo da Caridade de Deus à face da Terra». «Os homens foram feitos à imagem de Deus, que é Amor. Quanto mais perfeita a imagem, mais homens. Tanto mais perfeita imagem quanto mais Amor».

Daí a ânsia do Pastor de que os Seus Padres se dêem à obra do amor total dos homens (união substancial de alma e corpo) para a elevação total dos mesmos homens aos caminhos de Deus.

Depois referiu-se à Obra da Rua. Foram palavras de compromisso que aumentaram extraordinariamente a nossa já tão grande responsabilidade. Quanto desejou Pai Américo ouvir aquelas afirmações! A sua vontade era que a Igreja perfilhasse a Obra, que a fizesse Sua. «Senhores Bispos, a Obra é da Igreja». E ali, naquela hora, já não apenas por um consentimento tácito, por uma aprovação subentendida, mas expressa e positivamente, a Igreja tomou-a em Suas Mãos e disse pela boca do nosso Bispo, o seu contentamento por ter aos seus pés um padre para nos dar. Bendito seja Deus.

À noite Padre Horácio telefona-nos. O Senhor Arcebispo de Coimbra terminava a Sua visita pastoral a Miranda do Corvo. Passou por nossa casa a benzer as «almi-nhas» comemorativas do primeiro aniversário da morte do Pai Américo. Quis ver as oficinas e subiu a longa escadaria da entrada. Os rapazes rodeavam-no. E o Senhor Arcebispo não resistiu ao calor daquela família que lhe pertence também e não guardou mais tempo a grande notícia: «Tenho um padre para vos dar».

«A diocese de Coimbra precisa de cem padres» — disse — e pediu aos rapazes que os suplicassem a Deus. Mas nem assim hesitou em fazer sua a nossa extrema necessidade e deu-nos um dos dezasseis padres que este ano somente terá.

A festa da Assunção de Nossa Senhora verá nascer padre outro «padre da rua».

Estes nascimentos têm um significado muito especial. «A Obra começa quando eu morrer». Está começando... Continua começando...

Estes dois padres, que fizeram o seu noviciado ao longo de todas as férias dos últimos anos, inteiramente passadas connosco, sabem para onde vêm. Nós sabemos quem eles são. Rapazes que nos seus cursos deixaram uma lembrança boa que os recomendaria para postos de muita honra nas suas dioceses. Mas eles preferiram servir a Rua, purificá-la por suas mãos e nisso — verdade seja! — não têm outro mérito senão a inteligência da resposta ao convite do Mestre: «O que fizeres ao mais pequenino dos Irmãos...» E eles não hesitaram: «Eis-me Senhor. Estou aqui». Compreenderam que terem-se negado equivalia a negarem-se a si próprios aquela felicidade que se consuma apenas na doação total de nós, não tanto do que temos, mas do que somos. Felizes os nossos dois padres novos.

Felizes nós, os três padres «velhos», que recebemos os novos de lágrimas e de joelhos, como o faminto diante do seu comer. Este ano que passou Deus sabe a gesta que foi. Deus sabe, porque é Deus e porque foi o primeiro na linha de batalha.

Somos cinco. Podemos agora dividir a missão e trabalhar menos desumanamente. Mas a Deus não deixamos que descanse. A nossa responsabilidade cresceu desmedidamente. A Ele o primeiro lugar na linha de batalha. E «só a Ele toda a honra e toda a glória».

mais nenhum óbulo houver, haverá ao menos o meu que, embora modesto, será dado em nome do Curso.

Ele será a semente, que Deus a abençoe e a faça cair em bom terreno para que germinando, outros cursos de futuro sigam o nosso exemplo e que dentro em breve possamos ver nesta bela cidade muitas casas do Património dos Pobres com esta legenda: «Casa do Património dos Pobres dos Cursos Unidos nesta cidade no ano de 1957-58». E assim nos anos futuros.

Depois de vos dizer o que sinto, resta-me a quete e porque como o fazia P. Américo não pos-

so estender a minha capa para receber os vossos óbulos, lançarei mão duma saquinha feita de bocadinhos de pano, uns de cores garridas, outros de cores mais discretas; uns maiores outros mais pequenos, uns de melhor pano, outros de pano mais inferior, mas todos reunidos deram essa saquinha que embora pobre é limpa e asseada.

Assim também os nossos óbulos, uns maiores, outros mais pequenos, uns dados com maior sacrifício, outros com menos, serão outros tantos bocados que reunidos conseguirão a maravilha

MAIS DOIS «PADRES DA RUA»!

A nossa Aldeia em festa

Depois das horas altas que vemos com a ordenação e missa nova do Senhor Padre Manuel António, com esta aldeia toda embandeirada, transparecendo em todos uma alegria forte, vem o Sr. Padre Acílio, última ordem recebida do Alto, de onde são guiados os destinos desta grande Obra de Amor começada por Pai Américo, que agora a protege

A festa do Senhor Padre Acílio não foi tão grande como a do Senhor Padre Manuel António porque a festa primeira e principal foi em Miranda. O principal número foi a família em volta do altar e a petição de todos, unida ao Infinito.

Vamos findar, mas não o fazemos sem agradecer a Deus todos estes benefícios, tamanhas

portão o Sr. P.e Manuel António, um novo obreiro.

Junto com ele veio sua Mãe. Chegou à entrada e cortou a fita que simbolizava a entrada e seguiu por um tapete colorido. Viemos com ele pela avenida acima. Chegámos à Capela, foi o primeiro a entrar, seguido da malta, para celebrar o Santo Sacrifício da Missa, a primeira na nossa Aldeia. Acabou a Missa Nova e logo após meia hora, fomos ao almoço melhorado em que teve o lugar de honra o Senhor P.e Manuel António, rodeado dos gaiatos já casados e alguns seminaristas nossos amigos. Terminado o almoço, a malta foi folgar toda a tarde.

Com tudo isto devemos dar graças a Deus por ter concedido mais um Padre para a Obra da Rua, que bem estava a precisar dele.

Manuel Duarte da Silva

No dia 7, pela manhã, todos cheios de alegria, com o coração aberto à espera daquele que tanto desejávamos, fomos ao portão da nossa avenida. Daí a pouco chegou o Sr. Padre Manuel António, onde o saudámos com um rebentar de foguetes e o aclamámos com as nossas palmas. Durante as cerimónias não nos cansámos de cantar e rezar ao Senhor com a maior perfeição. Oferecemos por ele a nossa Comunhão e Missa. No fim desta foi o tradicional beija-mão, recebendo cada qual, à saída, uma estampa.

Por volta da 1 hora foi o almoço. Depois tivemos o tão costumado cigarrinho, para os maiores. Já ao findar houve palestras em que usaram da palavra Júlio Mendes, Sr. Dr. Avelino Soares, não faltando no final o agradecimento do Sr. Padre Manuel que nos comoveu com as suas palavras cheias de Vida Eterna.

Agradecemos, pois, a Deus por ter dado mais um Padre para a Obra da Rua. Haja alegria da nossa parte, Gaiatos, porque é mais um sacerdote que nos quer levar ao caminho da felicidade.

O Sr. P. Manuel António tomou a sua Cruz. Pesada a Cruz da vida, e aonde encontrará caminhos bons e maus.

Orlando da Silva Barros

Foi celebrada na nossa Obra uma das maiores festas. Dia de manifestação para todos os gaiatos. Fez um ano, ainda há bem pouco tempo, que foi para o Céu o nosso querido Pai Américo, tão grande apóstolo, que uniu a Obra dele à Obra de Deus que é a Igreja. E foi com o feito desta união que se festejou este dia, foi a vinda da Sr. Padre Manuel António para a Obra da Rua.

Alberto de Oliveira Ramada

Tivemos uma grande festa dedicada ao Sr. P.e Manuel António. Foram bandeiras, tapetes bonitos, cruzeiro enfeitado, estralejaram foguetes, tudo quanto é lindo se passou. No dia em que havia de ser a festa, os rapazes levantaram-se cedo para o embe-

lezamento. Ladeado de todos nós e de sua Mãe, passou sobre um lindo tapete. A missa foi cantada pelo nosso orfeão. Nesse dia não se trabalhou, e o comer foi melhorado. Todos os rapazes durante o almoço faziam ideias acerca do Sr. P.e Manuel António. No fim, agradeceu este, imensamente comovido.

António da Costa Ferreira

«A Messe é grande... mas os Operários são poucos». Esta frase apropriou-se à grande necessidade da Obra da Rua.

Deus deposita as graças mais necessárias aos homens que nEle confiam e nEle esperam até à última hora. Assim nos deu na melhor altura dois Sacerdotes prémio da confiança dos anteriores e fruto da petição de nós todos.

Estamos certos que se negaram a si mesmos para se darem inteiramente de alma e coração para o nosso conforto espiritual e nos ensinarem a vencer as dificuldades que a cada passo surgem na nossa vida quotidiana. Anciosos estávamos nós de os ver por completo no nosso meio, pois até aqui eram-nos dadas visitas que só nos deixavam tristezas quando se retiravam. Agora rejubilamos, pois temos mais ocasião de nos queixarmos de dúvidas a bem do nosso progresso espiritual, devido à permanência mais assídua. Além disso veio aliviar um pouco o fardo que pesava sobre os Padres da Rua.

Este favor foi-nos concedido pela Santa Igreja. O sacerdote faz-se por amor do pecador. Se

assim não fosse não eram precisos. Mas qual a Mãe que não se importa dos seus filhos? Por mais ruim sentimento que tenha, tem sempre, no fundo do coração, amor ao filho. Ora a Santa Igreja é Mãe da Obra da Rua. Se esta não tivesse os seus alicerces na Igreja, não daria frutos.

Este acontecimento da vinda de mais dois sacerdotes para o nosso convívio foi festejado da melhor maneira interior e exteriormente. As avenidas apresentavam alegria. Boa disposição nos rostos dos rapazes.

Obrigado, pois, aos nossos novos Sacerdotes por se terem dado inteiramente a nós.

Vamos procurar ser submissos na medida que pudermos, embora saibamos da nossa fraqueza.

Fernando Inácio Gonçalves Dias

FALA O CRONISTA DO TOJAL

— Tivemos no dia 8 de Agosto junto de nós um novo Padre que se deu à Obra totalmente em tudo, deixando a sua família, o seu lar, para vir realizar o que há muito tinha sonhado.

Celebrou a sua 2.ª Missa no Tojal, em que participamos todos no Sacrifício presente do Senhor com a Sagrada Comunhão. Quase todos se chegaram à Mesa do Pai Celeste agradecendo a vinda que há bastante tempo esperávamos ansiosamente para assim se tapar mais um furo, visto ser quase até agora um Padre para três Casas. Assim

Continua na página TRÊS



«Já vos não chamarei servos, mas amigos». O beijo do Bispo é a resposta ao «promito» do novo padre.

num estado diferente, de mais perfeição. Como o Pai Américo deve estar contente a ver tudo isto! Bandeiras, flores, a impagável alegria de nós todos. Tomaram muitos senhores ricos serem felizes como os gaiatos.

Não admira. É dia grande. São mais dois Pastores. Irmãos mais velhos. Serão os companheiros de todas as horas de muitas centenas de rapazes, que vêem neles o raiar do sol da sua esperança. Uma luz nova, comunicando-nos uma aurora linda e bela. Uma canção de Amor que somos convidados a interpretar.

Já chegaram. Bem-vindos. Fecharam as portas ao mundo para abrirem as dum mundo diferente. Fecharam os olhos do corpo para abrirem os da alma. Seguiram os passos do todo Grande e foram guiados pela Luz Forte.

«A regra dos Padres da Rua é o Cristo vivido e meditado. Não há hábitos. Não fazem votos. Não têm residência, nem interesses. O dom deles é a pobreza de Cristo Jesus», como escreveu e muitas vezes disse o Pai Américo.

bênçãos que vão alimentando a fogueira da nossa fé.

Queiram, caros leitores, desculpar por estas notas tão resumidas da festa do Senhor P.e Acílio, mas já o Jornal estava no cofre da Planeta quando decorria a festa. É uma notícia da última hora!

Daniel Borges da Silva

Vou contar aos prezados leitores como decorreu a nossa festa no dia 7 de Agosto.

Primeiro começou pelos ensaios dados pelo sr. seminarista António, que lhe deram bom trabalho; a seguir foram os enfeites da nossa aldeia. Foram pedir bandeiras emprestadas ao Sr. Abade da freguesia. Depois tingiram serrim com várias cores e fizeram um tapete muito lindo desde as escadas da nossa capela até ao portão. Por fim chegou o dia 7. Um dia muito desejado por todos nós. De manhã, todos vestiram a roupa domingueira e fomos esperar ao



O dar da vela significa o dom total de si mesmo, sem o que o Padre jamais seria o que deve ser: luz da Luz.

BARREDO

O lugar donde escrevo é sagrado. Sagrado o tema deste diálogo entre ti e mim. Sagrado o tempo e o caminho que vamos percorrer. Aceita o convite. Vem comigo. Se tens fé, acredita. Se não tens, abre o teu coração e espera. Ele te falará.

Vives há tanto tempo no Porto! Para ti a cidade já não tem segredos, assim pensas. Estás cansado de cruzar num vai-vem contínuo suas ruas e avenidas.

Não estarás iludido? Acompanha-me. Não preciso da tua presença física, preciso da tua alma aberta.

Estamos na época das homenagens. No programa de uma vi-

FALA O CRONISTA DO TOJAL

— Continuação da Pág. DOIS —

era sobrecarregar os nossos Padres demais. Neste dia da sua vinda o Tojal foi de facto grandioso. Toda a malta muito contente, por ser mais uma esperança para o futuro. Deus não se esquece da sua Obra, porque se não fosse ela de Deus já tinha acabado. Está consagrada ao SS. Nome de Jesus. O que desejamos a todos os nossos Padres é que sejam bons e santos para assim compartilharem das nossas alegrias e tristezas.

Carlos

MIRANDA

Ontem, dia 15 e hoje foram para nós dias de grande alegria.

Ontem foi ordenado Sacerdote na Sé Nova de Coimbra o Snr. Padre Acílio, que o Senhor Arcebispo deu à Obra da Rua.

A tarde veio para Miranda e fomos esperá-lo ao fundo da quinta. Do portão até à Capela era um tapete colorido de serrim e muitos arcos.

Entrámos todos na Capela e cantámos o Terço e o «Magnificat» em acção de graças.

Hoje foi a sua Missa Nova.

Juntaram-se a nós para cantar e rezar os Snrs. Padres e Seminaristas da Figueira que estão na Senhora da Piedade. Nunca tínhamos visto cerimónias tão lindas. Todos rezámos e cantámos a Deus por este Sacerdote novo que nos deu e que já conhecíamos há tanto tempo.

Graças a Deus.

Carlos Manuel Trindade

... E SETUBAL

Celebrou aqui no dia nove a sua quarta missa o Sr. Padre Manuel António, novo Padre da Rua. Todos nós assistimos à Missa e muitos dos rapazes comungaram. No fim da Missa todos os rapazes lhe beijaram as mãos.

Só temos a levantar os olhos ao Céu e render graças a Deus por nos dar mais um padre para nos ajudar a condnzir para Ele. Não lhe fazemos festa nenhuma pois não sabemos festa ele cá vinha. O Senhor P.e Manuel António que nos desculpe.

José Roque Crisanto

sita oficial lá encontra a homenagem ao soldado desconhecido. Olha, não quererás tu também erguer, dentro do teu coração, um monumento aos heróis e mártires desconhecidos do «Barredo», que morrem todos os dias num combate de todos os instantes? Não um monumento de pedra — seria cadáver — mas uma presença viva, de todos os momentos, capaz de alimentar, dentro de ti, a chama da caridade.

Vítimas inocentes! Almas, muitas delas puras, encarceradas num corpo sujo, mirrado pela fome e pela doença! Anda! Anda! Sai à rua e grita. Vive estes problemas. Deixa o teu coração sangrar. Mistura o teu sangue ao delas. Não há amor sem dor, sem serviço, sem doação. Aproxima-te delas e aproxima-se-ão de ti. Ah! Se tu visses a fascinação que uma batina exerce, ao cruzar aqueles lugares a que chamam suspeitos! Não procures a causa na batina. Está no interior. Aqueles a quem nada falta podem, sim, fazer discursos, mas não acreditam neles. Só uma identificação profunda, uma participação real da sua vida será capaz de os fascinar. Acredita. Experimenta.

Dia 25 de Junho. Os ecos da «noitada» de S. João não se extinguíram ainda. Começámos a descida, em direcção à Rua dos Mercadores. Éramos dois. Fítam-nos olhares curiosos. Há murmúrios de que não nos apercebemos. Não era a primeira vez que passávamos por ali. Crianças sujas, rotas — almas puras — param e olham-nos enter-

necedoramente. Um sorriso basta. Queríamos parar mas não podíamos.

Ao lado esquerdo, não posso precisar o número da casa, jazia, numa cadeira, a primeira vítima. Era tuberculosa. Rapariga nova ainda. No rosto estava gravada a sua história. Uma palavra que foi uma promessa e nada mais. Outros lugares nos chamavam. E lá ficou aquele corpo mirrado pela doença, aquela alma de Madalena arrependida. Ficou à tua espera.

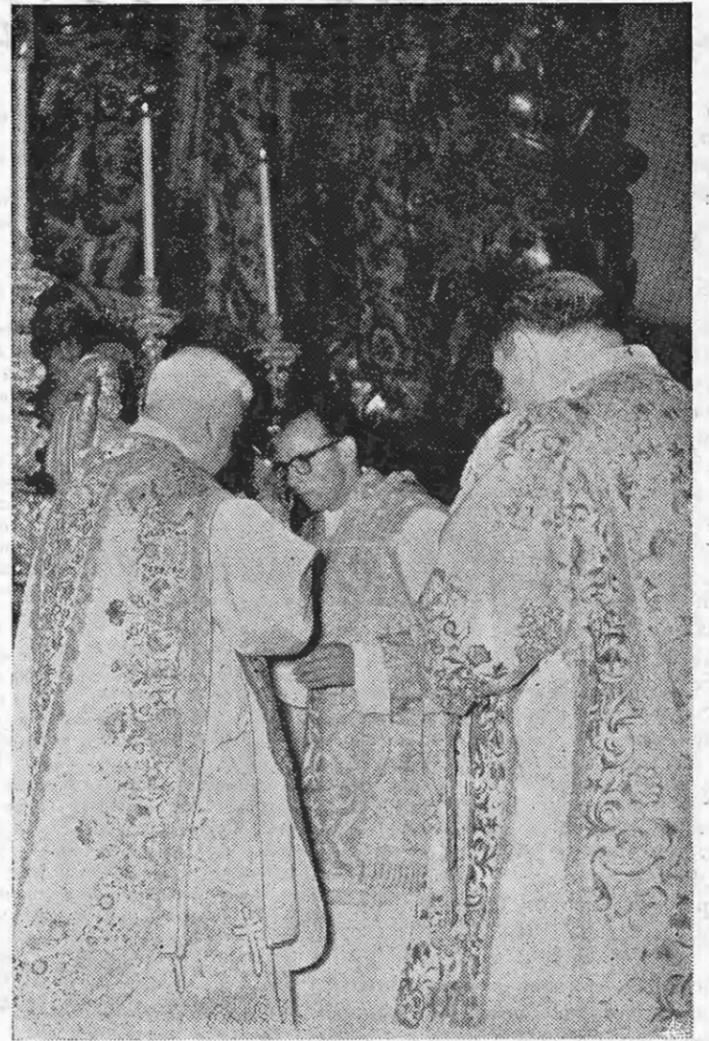
É a vez da Fonte Taurina, na Rua da Reboleira. Os pequeninos, habituados já à nossa presença naquele Lugar, não nos deixam. O padre é pai. Alguém nos chama do n.º 56. Era precisamente para lá que nos dirigíamos. O terceiro andar precisava de nós. Por infelicidade, não encontramos o Sr. Miguel a quem faltara a mulher, havia pouco tempo ainda. Mas os Pobres quando encontram uma alma que os compreende, entregam-se-lhe totalmente. Confiem. E foi o que aconteceu ali. Não pudemos sair sem ouvir tudo, sem ver tudo.

«Esta casa é um poço de doenças». Não precisávamos deste testemunho, bastava olhar em redor: tantos pequeninos cujos corpos são pasto da doença implacável. Isto doi. Só um coração de pedra poderá permanecer insensível. Estes os heróis desconhecidos. Além, uma mãe com um filhinho ao colo, doente, procura disfarçar, com um sorriso, a amargura que lhe vai na alma.

De novo na Rua dos Mercadores. O n.º 98 esperava-nos. Ti-



«O Corpo de N. S. Jesus Cristo guarde a tua alma para a vida eterna». — Que dom para os Pais, estas palavras na boca dum filho!



O novo Padre recebe do seu Bispo o abraço da Paz.

nhamos passado por ali com promessa de voltar. São duas irmãs doentes e mais uma filha casada.

Iamos cansados de subir escadas. Queixamo-nos. Elas não se queixam e sofrem no silêncio o seu martírio, dia a dia.

Lá estavam rodeadas pelos netinhos, dois dos quais vieram empoleirar-se no nosso regaço. A alegria entrara, por momentos, naquela casa sombria. Desabafaram. Desabafámos também. Quando há compreensão há comunicação. E deixámo-las a bendizer ao Senhor.

Eis-nos no coração do Barredo. Tabernas e lupanares? Sim. Só? Não. Hesitámos. O meu companheiro, mais corajoso, incita. Amava mais do que eu. Ele já conhecia, eu não. Por isso hesitei. Quando há recta intenção, quanto mais perto da lama mais perto de Deus. Um acto de fé. Dou graças por conhecer mais e melhor para servir mais e melhor. Há alvoroço. Há uma presença diferente das demais, naquele lugar. Os olhares fixam-se nas batinas côr da noite. Chamam-nos à esquerda e à direita. Querem abrir-se. Não há segredos.

«Primeiro aos que mais preci-

sam» — gritam do lado. Mas haverá alguém que não precise? A solidariedade é uma virtude do Barredo. É a voz da Justiça — «primeiro aos que mais precisam».

Entrámos. Uma tuberculosa que jazia no seu leito de dor, rodeada pelos seus filhinhos. Outra mais além. Mais adiante, começámos a subir umas escadas. Parei ao meio porque não podia subir mais.

Ao nosso encontro, de lágrimas nos olhos, vem uma velhinha dizer-nos que morava num quarto de banho. Outra pede um remédio. Eu queria fugir. E o número engrossava na rua do Barredo.

Leitor amigo: recordas-te da história dos dois homens a caminho de Emaús, desalentados, de coração frio, suspeitando ter sido ludibriados?

Ouve a sua confissão tão simples como sincera:

«Na verdade enquanto Ele jallava sentíamos algo de novo dentro de nós, o nosso coração aquecia, era o Mestre».

Perdoa-me o tom directo destas palavras. Foi para ti que as escrevi. Desperta. Ama. Vive.

P.e Mannel António

Uma carta do Padre Acílio

Com um estremecimento de alegria soube hoje de manhãzinha que a Santa Igreja me queria Padre da Rua. Eu sou indigno. Também vim da rua e foi um Padre da Rua que me arrancou da rua e me fez entrar na Rua. Por tudo, dou graças a Deus! Bendito seja o Senhor pela sua desmedida misericórdia! Obrigado pelo que fez para que este pobre fosse dos seus Pobres. Falei aos meus Pais: — «Se é vontade de Deus, cumpre-A» — foi a resposta dada com alegria.

Mais estremecimento.

Tenho medo por nada ter de sofrer para ser da Obra da Rua! Obrigado em nome dos meus Pobres pelo que nos deu! Sinto-me mais confortado pela pele dos miseráveis ser coberta. Obrigado pelos 12 dias da vossa companhia.

Peça ao Senhor e a Pai Américo que me limpem as chagas para que o meu sacerdócio seja segundo o seu agrado.

Cumprimenta-O respeitosamente o seu Acílio».

Da que nós necessitamos

«O GAIATO»

ANO XIV — N.º 351
Paço de Sousa, 24/8/1957

(Espaço para endereço)

AVENÇA — QUINZENÁRIO

CALVÁRIO

Quando esta manhã, ao Altar, me voltei para saudar a pequenina assembleia, lá estava o Edmaro, muito silencioso, muito senhor de si. Tanto mais valor esta quietude, quanto é certo não haver agora quem pare com ele. Com sua muleta corre o que é preciso. Já ensaia mesmo uns passos sem ela. Está muito forte de tronco. Está mesmo bonito. Eu penso em voltar com ele a Montemor aos Irmãos de S. João de Deus, na esperança de muitas melhoras.

Ao lado do Edmaro, na Capela, o Alfredo. Este nem sempre passa bem. A sua doença é muito sensível às diferenças da temperatura e humidade. Mas anda mais alegre e comunicativo. Sente-se o renascer da sua juventude na procura da companhia dos rapazes são que trabalham na lavouira.

O Ti Manuel é mais pachorrento mas também faz, de vez em quando, sua surtida até à Casa do Gaiato. São uns 400 metros. Ele leva meia hora a fazê-los. Não é velocidade de vertigem!, mas ele não tem pressa...

O Sr. António foi para o Pinheiro Manso. Não era afinal um caso nosso. Nada de incurável a não ser a velhice. Está do

mesmo modo feliz, aos cuidados das queridas Irmãzinhas dos Pobres.

Quem faz muita falta é a Ti Adorinda. O homem dela tem de permanecer no Porto ainda mais um mês por umas aplicações de rádio. É cancro na garganta. O tratamento é para adoçar as dores. E ela lá foi mais ele, por um tempo mais na encosta da Sé; mas deixa aqui falta a sua jovialidade.

Eu dou aqui esta notícia, mas não me posso alongar mais, que o espaço não consente. O Júlio disse-me que devia ir Calvário. O Júlio diz-me: «Não mande mais material, que já é de sobra». Ora vejam os senhores como hei-de eu governar uma freguesia destas!!

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

QUE RECEBEMOS: A juntar às que publicamos aí vai mais uma carta de alguém que leu o grito da Mãe aflita:

«Junto um vale de 100\$00 para fazer chegar às mãos daquela pobre viúva tuberculosa que, coitadinha, tantas aflições e ansiedade sente pelos seus queridos filhinhos.

«Que há-de ser dos meus queridos filhos?»

Deus Nosso Senhor há-de permitir que ela se cure e continue a ser o amparo desses anjinhos.

Pedia uma oraçãozinha pela alma da minha Santa Mãe, que era o meu Sagrado Tesouro e que Deus Nosso Senhor levou para a Sua companhia há quatro meses.

Peço não publiquem no «Gaiato» o nome.

E aqui vai mais outra: «Sou o assinante N.º 9.569 do Gaiato e, por isso, só agora reparei na notícia daquela pobre Mãe que ficou viúva, com filhinhos e está tuberculosa. Passou-me a notícia principal e só agora no N.º 350, pelas dádivas, notei o facto, senão já teria enviado o meu óbulo há mais tempo.

Deste modo desejando contribuir para minorar tão grande infelicidade, remeto 100\$00.

Quando publicar esta pequena dádiva é favor pôr apenas o número da minha assinatura.

Bendito seja Deus que não falta na hora precisa!

Alferrarede, 20\$00, Assinante 7.393, 100\$00. Idem 4.403, 20\$00. Um anónimo com igual quantia. Lídia Cabeça, 50\$00. «Para a Pobre muito necessitada de que falava um dos últimos Gaiatos», 20\$00. O costume de A. F. «20\$00 meus e mais 12\$20 de um colega de escritório». Assinante 14.141, 50\$00 Da Rua Santa Isabel, Porto, o dobro. O «Bébé N.º 3» pede desculpa da demora e manda 40\$00 para as cotas de Março a Junho. Assinante 33.223, 20\$00. E 50\$00 do Porto «para as necessidades mais prementes da vossa Conferência». De «um zero», 30\$00. Alda, de Coimbra, 5\$00. Adélia Duarte Oliveira, de Avanca, 15\$00. E mais nada.

Júlio Mendes

Regressava de voltas. À porta do Lar, como sucede quase sempre, havia gente que me esperava.

Uma rapariga ainda nova trazia uma carta de um Pároco da cidade. Era a renda atrasada e o senhorio disposto a tomar medidas se naquela tarde o aluguer não fosse posto em dia. Falta-vam ainda quinhentos escudos. Eu hesitei. Mas ela imperou com uma tal sinceridade e sinais tão claros de quem não estava acostumada a pedir... e depois havia a carta daquele querido Pároco... — que me decidi

Ora eu ando quase sempre sem dinheiro. Nem nunca me fez falta!... Se em Paço de Sousa, peço ao Avelino. Se no Porto, ao Rui. Se por esse mundo além, o que é preciso aparece na hora de aparecer.

Nas minhas voltas passei pelo Espelho da Moda e trouxe um saquinho do que o Porto lá entrega. Vali-me dele. Procurei entre os miúdos, mas não havia que chegasse. Abro um sobrescrito. Dentro a legenda:

«Esta quantia é para fazer o favor de entregar a um Pobre que na presente ocasião lhe vá valer numa aflição.

É uma promessa».

...e uma nota de quinhentos.

Era Deus a confirmar a minha decisão. Aquela quantia não era nossa. Deu-nos Deus a graça de sermos bálsamo no momento oportuno. Cumprimos... e mais nada.

Levei o bilhetinho à mulher. — Sabe ler?... Crê em Deus?... Olhe a resposta dEle à sua Fé?

Eu não sei se é bem ou mal, mas não me interessa por milagres. Sinto a maior indiferença por casos extraordinários de vidência ou estigmas. Isso pode ser uma porta de entrada para quem não tiver Fé. Mas depois, depois de a ter..., basta-nos Deus no «milagre» permanente da Sua Providência.

A gente acredita que este aparecer do necessário na hora própria não é por acaso. A gente, se não fechar a inteligência à verdade, sente Deus, e tanto... que às vezes até nos parece não ficar lugar para nós e quase surge a tentação humana de Lhe dizermos: «Chega-Te para lá».

Eu ajoelho diante do mistério ininterrupto da amorosa Providência de Deus.

Só não disse que atendi logo a seguir, naquela hora, um senhor que me meteu nas mãos uma nota de mil.

x x x

Mais 40\$00 de um aumento de ordenado. 96\$00 dos funcionários dos C.T.T. do Porto e quinhentos francos belgas e uma carta enorme de Leopoldville e outra vez a mesma terra com 100\$00.

De Mirandela um cheque de 513\$00 e 100\$00 de «Uma admiradora da Obra sublime» e 20\$00 de Moscavide «por uma netinha que faz um mês no dia 8». Parece que esta Avó não se contenta com a prenda de anos e a quer ao mês... para nós, O E. M. da R. de Belmonte «mais uma vez envia» a sua «quota parte»: 50\$00. Correias Ranilon para as máquinas novas da carpintaria, mais um grande desconto, que melhor se pode chamar contribuição, do fabricante das ditas máquinas, Elas são tão jei-

tosas que o Quim não faz mais que «namora-las».

Trinka, «parte da prestação do dinheiro que me devem».

Por intermédio do «Diário de Moçambique», da Beira 527\$10 e pelo «Comércio do Porto» 1.300\$00.

Da Murtoza, 10\$00, «produto de uma aposta». Mais um 1.º aumento de ordenado, da Anadia. Cinquenta de «Um amigo» e outro tanto, do Barreiro, «no dia do 1.º aniversário do meu filho muito querido». Por isso mesmo que o filho lhe é muito querido, muito este Pai nos ama a nós. Ele tem a inteligência do Amor, a qual é filtrada no Coração de Jesus. Da Curia 1.600\$00, obtidos numa sessão de ilusionismo pelo Prof. Martini. De Lisboa, «um católico» manda mil: «A alegria pela passagem num concurso, a grande alegria de poder contribuir para o Bem dos Pobres». A alegria pelo bem dele, junta a «grande» alegria pelo bem dos irmãos, Cristã hierarquia. Mais inteligência de amor. Outra vez 100\$00 de um 1.º ordenado. É de Mora. Vinte de uma «Mãe que confia em Deus», tirados da 1.ª mensalidade, estipulada em meu favor, por um dos meus filhos residente em África e a quem a sorte pouco tem hajeadado. Suor e sangue... Como não há-de ser úbere a nossa Obra?! Mais heroísmo: «Esta importância (181\$20) são os primeiros juros dum capital que consegui amealhar ao fim de 40 anos de trabalho, e são para vós em memória do grande Pai Américo». Mais gente de trabalho: Pessoal da Mobil Oil 58\$50; 15\$50 dum grupo de colegas

(da Companhia dos Telefones), sufragando a alma de Mário Mendes; mil escudos do Pessoal do Armazém Popular; 62\$00 e mais 20\$00 das costureiras do Hospital de Santo António e 38\$50, «grãos» entregues pelos sargentos da Artilharia Pesada 2, que não vinham prevenidos e levaram as algibeiras vazias.

Grupos excursionistas: Os Bem-Aparecidos 50\$00; «Os 20 Amigos de Camões», 180\$70; «Saudades da Escola Náutica», 124\$50; «Os camisolas amarelas», de Pedras Rubras, vinte e tal; 50\$ dos «Cavaquinhos da Sé» e 955\$ do Grupo Paroquial de Miragaia; «Paz e Alegria», de Godim 50\$00; o mesmo dos «10 Amigos da Penha de Guimarães»; e o dobro do Bota-Abaixo, de Vilar do Pinheiro. Mais 113\$20, «flores que oferecem as pequeninas alunas da Escola n.º 38 do Porto». Um dólar de Newark e 424,32 deles que foi quanto deu os 1421,50 Bolívares de «donativos oferecidos pelos portugueses residentes na Venezuela». Em Lotaria 40\$00, de Sá da Bandeira.

Mais muitas lembranças prós nossos Pobres, nomeadamente Senhora Ana de Jesus e aquela Mãe do irrecuperável, e a viúva da Nota da Quinzena e a do filho que barrega. Mais os «dois amargurados» por duas vezes e outras duas costumeiras: uma Maria do Fundão e a Alda, Fatos de banho, roupas diversas, toalhas e duas alianças. E, de S. Pedro do Sul, «umas migalhinhas», de «uma Amiga dos Gaiatos», que «são todas da minha primeira obra e muito da minha vontade».

Património dos Pobres

— Continuação da 1.ª página —

duma casa para pobres que embora modesta é limpa, asseada, tem sol, tem luz e nela pode encontrar a felicidade mais uma família destinada a perecer.

Que os vossos corações sejam, pois, generosos e que a ideia frutifique são os desejos mais sinceros deste vosso obscuro discípulo.

Louvores a Deus pela luz que dá aos homens.

— Nos últimos tempos, pelos muitos afazeres e porque temos grupos de crianças das mais pobres das Ruas de Coimbra na Colónia de Férias da Senhora da Piedade, não temos dado os nossos giros de visita ao Património do Centro e Sul. Mas sabemos por informações dos párocos, que em muitas e muitas terras estão muitas casas a subir e, especialmente no Alentejo, o calor não fez afrouxar a construção.

Cantanhede reuniu ali os viciños da região e entregou mais duas, ficando assim com dez habitadas e duas a acabar.

Soure fez entrega das suas duas primeiras e tem já duas vizinhas no rés do chão. O Snr. Arcebispo de Coimbra quis associar-se à alegria dos Pobres e à presença do povo.

Os jornais falaram da primeira de Gouveia que foi entregue com muita alegria de todos.

Medelim quis entregar as suas no aniversário de Pai Américo.

Acaba de sair o livro «DOCTRINA»

Se ainda não é, pode inscrever-se como assinante da nossa Editorial.

Na cidade da Guarda está um grupo delas quase concluído.

Teixoso tem as suas primeiras três, prontas a entregar.

Agora mesmo veio ao nosso Lar de Coimbra uma representação do Quartel de Artilharia Ligeira 2 entregar a sua casa.

Quantos sacrifícios escondidos na alegria que hoje sentiram!

Padre Horácio

CHALES DE ORDINS

Uma Assistente Social brasileira passou por Ordins, desejosa de conhecer «in loco» o que já sabia pelo Famoso. Com a sua obra social, ajuda, não obstante, as alheias que vai topando no caminho. E podia não o fazer, pois as suas 200 raparigas, em Be'o Horizonte, orientadas por Religiosas de visão rasgada, devem ser um sorvedouro. Quanto em alimentação, vestuário, etc. Não obstante, repito, ajuda as obras alheias. Na sua casa só recebe as desamparadas, ou cujos pais não educam. Sempre que possível, a criança é entregue à família. Mesmo assim teve de abrir a porta a 200. A rapariga faz todo o trabalho. Não há criadas. Esta Senhora Assistente conhece «Doutrina» de Pai Américo e quanto lá vem sobre asilos de infância.

De Santos (Brasil) a primeira encomenda. O Famoso é lido no Congo Belga, e daí Leopoldville também vem pe'o seu chale, que devemos enviar para Ferreira do Zêzere. É para uma entrevista que está há seis anos numa cama. A carta é monumento de amor filial e conjugal, num tempo de tamanha desorientação, como o que atravessamos.

Uma senhora francesa, de Lisboa, escreve: aqui vão 400\$; não sei que lhe diga — se pagar cada chale com mais dinheiro, se dor a fazer o maior número possível de chales — deixo o caso em suas mãos. Termina, cheia de confiança. Não é a primeira vez que bate a Ordins. E como ela, quantas. Assim a assinante 31.751, pois cada chale traz um brinde do Céu... uma graça.

S. Cruz do Douro quer cobrir uma Pobre da sua Conferência. E Ama-

rante: «o tamanho não interessa, apenas quero um chale de Ordins». Albergaria-Velha com 300\$00 dois dos grandes, pedindo ao Senhor continue aabençar essa Obra que é d'Ele».

O Arceiro (Lisboa) já nos conhece: «gostei imenso», pelo que nos promete dar que fazer às pobres teceadeiras, todos os meses, «sobretudo durante o verão que é quando devem ter menos trabalhos». Vila Real, com um vale de 700, um grande, outro médio e quatro dos pequenos. Lisboa mais um e Alcobaca torna por mais dois.

Venezuela vem por um, a par do Brasil e do Congo Belga. Desejando o que de melhor se fabrica em Portugal, vem ter a Ordins, cujos caminhos palmilhou em menina e moça. Que Deus a ajude. O Hospital de Nazaré vive o desejo de nos ajudar, como no ano passado, e veio por três dos pequenos.

Alfeizerão — «estes chales por virem daí parece que aquecem mais» — torna, que «o chalhinho branquinho de neve que recebemos era tão lindo e hom...». Joane (Famalicão) e Porto bateram-nos também à porta.

Padre Aires

Colabore na
Campanha dos
Cinquenta mil